

MÚSICA, PERIFERIA E NEGRITUDE: um olhar a partir do videoclipe *This Is America*

Amanda Karoline Pimentel VIEIRA¹

Luise Cristini Macias da SILVA²

Diogo Silva Miranda de MIRANDA³

RESUMO

Este trabalho é um desdobramento do artigo intitulado Análise semiótica do videoclipe *This is America* (SOARES, VIEIRA e SILVA, 2018). Nesta pesquisa abordamos as possíveis ressignificações que o produto midiático pode gerar no receptor a partir das características socioculturais de cada indivíduo. O estudo tem como objetivo entender como as questões expostas e enfrentadas pelo povo negro no audiovisual *This Is America* são vivenciadas no cotidiano dos bairros periféricos de Belém e Ananindeua, através de suas interpretações e percepções. Utilizando a metodologia da recepção que possibilita o acordo e oposição do receptor à um texto escrito, oral ou visual, o que torna a recepção um processo ativo em busca da significação. Para além disso, as entrevistas realizadas serviram de base para análise das respostas a partir dos conceitos metodológicos aplicados. A partir desse estudo é possível compreender as possíveis ressignificações que o videoclipe sofre pela influência do contexto sociocultural. A pesquisa será baseada nos estudos de Jesús Martín-Barbero (1992), Stuart Hall (2003), entre outros pensadores que elaboraram trabalhos pertinentes ao assunto.

PALAVRAS-CHAVE: audiovisual; convergência; periferia; recepção; *This is America*.

¹ Graduanda em Comunicação Social – Jornalismo pela Faculdade Estácio do Pará. E-mail: amandavieira67@gmail.com

² Graduanda em Comunicação Social – Jornalismo pela Faculdade Estácio do Pará. E-mail: luh.16macias@gmail.com

³ Orientador do trabalho, Jornalista e Mestre em Ciências da Comunicação pela Universidade Federal do Pará. Docente do curso de Comunicação Social da Faculdade Estácio do Pará (2014). E-mail: diogo.miranda@estacio.br

APRESENTAÇÃO

A construção deste artigo ocorreu através da repercussão que o audiovisual *This Is America* obteve e de nosso interesse em compreender como esse videoclipe retrata o cotidiano da comunidade negra e periférica de diferentes localidades de Belém e Ananindeua. Essa temática é de fundamental importância, pois uma de nós já sofreu preconceito racial e além disso questões como essas nos aflige já que se trata de uma agressão aos valores de um povo e de uma comunidade, ao qual nos identificamos e fazemos parte.

Para além disso, a partir do avanço das tecnologias da informação e transmissão, principalmente da internet, não apenas setores da sociedade civil, como também cantores e *influencers* vêm buscando meios de se apropriar das mídias livres e das redes de comunicação comunitária, como rádios e TVs independentes, plataformas de compartilhamento de áudio e vídeo, redes sociais, *blogs*, jornais e revistas eletrônicas, entre outros. Nesse sentido, canais de comunicação que demonstrem uma perspectiva “de dentro”, isto é, a partir da compreensão de aspectos sociais que estão inseridos no cotidiano do bairro de cada receptor, tornam-se cada vez mais urgentes e comuns, pois irão ocupar um espaço vazio de cobertura midiática sobre territórios populares, apresentar a realidade local para moradores que não se sentem contemplados pelos noticiários e também como espaço de resistência e representatividade.

Deste modo, este trabalho é um desdobramento do artigo *Análise Semiótica do Audiovisual This Is America* (SOARES, VIEIRA e SILVA, 2018) apresentado à disciplina de produção de projetos jornalísticos. Optamos neste trabalho por utilizar o método de recepção, pois pretendemos com essa metodologia refletir acerca da comunicação através deste método, para compreender a função que o audiovisual adquire na realidade de bairros periféricos em Belém e Ananindeua, e como os aspectos socioculturais destes receptores ressignificam e produzem novos conteúdos. Conseqüentemente, os receptores adquirem o papel de coprodutores do produto cultural, pois são responsáveis pela atualização de leituras e significados, rompendo caminhos preestabelecidos. Utilizamos também a técnica da entrevista para transitarmos no universo do entrevistado e assim conhecermos o seu cotidiano.

Segundo o autor Stuart Hall (1980), o grau de conteúdo sociocultural de cada receptor faz com que toda mensagem enviada tenha um sentido único. Assim, os valores representativos são transformados em narrativas e imagens que possuem conceitos

imaginários que serão codificados e produzidos simbolicamente, sendo transmitidos socialmente no formato de narrativas sobre os fatos, onde os receptores estão integrados.

Desta forma, o estudo tem como objetivo principal entender como as questões expostas e enfrentadas pelo povo negro no audiovisual *This Is America* são vivenciadas no cotidiano dos bairros periféricos de Belém e Ananindeua, através de suas interpretações e percepções, e como as características socioculturais destes receptores ressignificam e produzem novos conteúdos. Assim, faz-se necessário compreender como o contexto cultural influencia na produção do indivíduo, identificar a recepção que produtos culturais, como o audiovisual provoca no receptor desse produto, e por fim, analisar a ressignificação ocorrida a partir dessa recepção.

No primeiro capítulo deste trabalho discorreremos sobre o processo de desenvolvimento das favelas, bem como, a multiculturalidade das periferias, tendo enfoque as representatividades da periferia de Belém/PA. O segundo capítulo se dedicará ao conteúdo metodológico, trazendo uma discussão sobre recepção e estudos culturais a partir de autores como: 1) Jésus Martín-Barbero (1992), que define o processo de Recepção como a dinâmica de interações, onde todos estão constantemente criando e recriando suas mensagens; e 2) Stuart Hall (2003), que destaca o papel fundamental do contexto cultural como influenciador dos possíveis significados, tal como a interpretação dos signos. No terceiro capítulo, fazemos a construção do contexto histórico-geográfico dos bairros que estão associados aos entrevistados. No quarto capítulo apresentaremos e discutiremos todos os resultados obtidos das entrevistas trazendo as suas coletividades e particularidades na qual faremos associação à luz das teorias implícitas neste trabalho. Através das entrevistas podemos mensurar aspectos como: o cotidiano do bairro, o contexto do racismo no Brasil e nos EUA, o papel do Estado perante as políticas públicas, a importância das artes no combate ao preconceito, a invisibilidade negra perante a sociedade, entre outros.

Notamos ao longo desse processo de construção que a pesquisa não se limitou ao estudo de recepção, tendo alcançado um campo mais amplo. Desta forma, optamos pela mudança de título do trabalho, pois o anterior intitulado *This Is America: Um Estudo de Recepção nas Periferias*, se restringia apenas aos processos envolvidos no estudo de recepção.

1. CONTEXTUALIZAÇÃO.

Anteriormente (SOARES, VIEIRA e SILVA, 2018), entendemos que o videoclipe de Childish Gambino traz uma linha histórica da sociedade evidenciando a segregação racial e a violência policial que sempre esteve presente no continente americano, bem como na realidade brasileira. Analisamos cena a cena do videoclipe buscando as possíveis interpretações geradas por ele, à vista disso, foi utilizado no artigo anterior a análise semiótica por tratar-se da compreensão, identificação e análise de signos intrínsecos no objeto de estudo escolhido, o videoclipe This is America.

Para isso, foi necessária também a compreensão dos aspectos sociais envolvidos em This Is America. Trafegamos ao longo daquela pesquisa pelo contexto do audiovisual; as repercussões nas redes sociais; breve histórico da segregação no território americano; compreendemos a linguagem do videoclipe como representação social e a questão do audiovisual.

Percebemos ao longo da pesquisa anterior que o audiovisual apresenta várias possibilidades de significações por meio de símbolos e imagens. Notamos também que a letra da canção auxilia na construção dessas interpretações. Cada cena foi pensada com intuito de associá-la aos fatos históricos preconceituosos que vitimaram o povo negro, como por exemplo, a representação da figura teatral racista de Jim Crow, bem como, a do personagem Tio Ruckus da história em quadrinhos The Boondocks, que apesar de negro é racista; a calça utilizada pelo rapper no audiovisual lembra à dos soldados americanos que lutaram pela guerra civil americana e pelo fim da escravidão no país.

Observamos ainda a diferença no tratamento das armas e das vítimas delas; a referência ao massacre ocorrido em 2015 em Charleston no estado da Carolina do Sul; a revolta de Soweto na África do Sul que criticava o Apartheid também foi retratada em This Is America. Além disso, também está presente no vídeo a associação ao anticristo montado no cavalo que foi citado no livro bíblico do Apocalipse e por fim surge Gambino fugindo desesperado dessa realidade.

A realidade exposta no audiovisual não é apenas vivenciada pelo povo norte americano. Em Belém, mais especificamente nas periferias a população negra também expõe

através de músicas e videoclipes as dificuldades e os preconceitos enfrentados em seu dia a dia. E esse é o aspecto que analisamos neste estudo.

1.1. periferia em evidência.

No contexto atual, verificamos uma grande confusão em relação à utilização da expressão periferia. De acordo com o dicionário da língua portuguesa, a palavra significa “os arrabaldes de uma cidade; subúrbios”. Ou seja, localidades geograficamente distantes dos grandes centros urbanos. Porém, o conceito se tornou comum para representar os diversos tipos de aglomerados humanos, sendo utilizado também, como sinônimo de favela, morro, vila e periferia.

Segundo Gilberto Maringoni (2011), no Brasil, após a campanha de abolição da escravidão, não houve uma orientação desenvolvida para integrar os negros às novas ordens de uma sociedade fundamentada no trabalho assalariado. Com a lei do ventre livre em 1871, a cidade do Rio de Janeiro por exemplo, se encheu de ex-escravos em busca de trabalho. Nessa perspectiva surgem em grande quantidade cortiços na região Central, até então considerada área nobre da cidade.

Com a superlotação, não somente de ex-escravos como também de ex-combatentes da guerra de canudos, muitos de baixa renda, fixaram moradia nos morros da cidade, criando assim a primeira favela do Brasil, atualmente conhecida como morro da Providência. Trazendo em questão a história da periferia de Belém, percebemos que não houve distinção em relação ao surgimento das favelas do Rio de Janeiro, pois as populações de ambas as periferias possuem características semelhantes como a situação socioeconômica.

De acordo com a revista Periferias (FRAZÃO E COUTO, 2018), o crescimento das periferias de Belém ocorreu, por meio do processo de desterritorialização, em que uma parcela da população foi expulsa da região central da cidade, tendo em vista o alto custo de vida nessa área. Os espaços periféricos da metrópole ou as áreas de baixadas tornaram-se também um lugar importante para as formas de reprodução social e de luta pelo direito à cidade em meio a um intenso processo de exclusão social ou exclusão socioespacial.

Zaluar e Alvito (2006) argumentam que as favelas, desde a virada do século passado, fazem parte da história das cidades do Brasil, entrecortadas por interesses e conflitos regionais intensos. Com o deslocamento da população de áreas centrais para as baixadas, essas sendo consideradas áreas de habitações irregulares, sem pavimentação, sem planos urbanos e saneamento. Através dessa situação de abandono, surge a imagem da periferia como o “lugar da carência, da falta, do vazio a ser preenchido pelos sentimentos humanitários, do perigo a ser erradicado pelas estratégias políticas, que fizeram do favelado um bode expiatório dos problemas das cidades, o “outro” (...)”. (ZALUAR e ALVITO, 2006, p.8).

Dessa maneira, compreendemos que as cidades ficaram divididas em dois lados: o centro hegemônico e a periferia da “dependência, subalternidade face às áreas centrais e aos locais de destinos dos habitantes pendulares” (DOMINGUES, 1994, p. 5). Nessa perspectiva, discursos e manifestações foram criados para preencher o vazio social, político e cultural da periferia. Ou seja, diante da divisão das cidades em dois polos, centro hegemônico e periferia, a população dessas localidades distantes da capital foram em busca de manifestar e expor a cultura periférica, o que acarretou o preenchimento do chamado vazio social, onde não havia uma representação social da comunidade frente a sociedade.

A descentralização cultural advinda da pós modernidade, provocou o estabelecimento de novas dimensões culturais. A ausência da participação dessas comunidades no que tange esse estabelecimento da cultura gera a ocorrência de acontecimentos como os demonstrados no videoclipe This Is America como o preconceito e a violência motivados por questões socioculturais (SOARES, VIEIRA e SILVA, 2018). Essa valorização da produção cultural periférica provoca a desestabilização das influências centralizadoras das grandes metrópoles.

As mudanças ocorridas nessa produção foram importantes para que a disseminação da cultura não ocorra em uma única via, mas, em "mão dupla", o que possibilitou a constante troca multicultural entre centro e periferia.

1.2. A multiculturalidade da periferia em destaque.

A ideia de que o centro deveria levar cultura para periferia está ultrapassada. Tendo em vista que na sociedade contemporânea, a disseminação cultural não ocorre apenas em uma

única via, onde somente a cultura originada das áreas centrais é aquela aceita socialmente, mas, em via de mão dupla, numa incessante troca multicultural entre periferia e centro. Contrapondo-se a esta ideia, nosso objeto de estudo busca analisar as diversas produções culturais periféricas e suas possíveis significações

Prysthon (2003) discute que a produção cultural da periferia irá constituir uma nova tendência na teoria crítica, onde a cultura dará origem a um novo conceito que atinge a própria ideia de periferia. Para ela, a descentralidade acarreta uma inversão de padrões, onde o centro passa a integrar a periferia e vice-versa. A autora explica esse fenômeno a partir do multiculturalismo: “O multiculturalismo poderia ser brevemente definido como o momento em que a cultura periférica não apenas passa a ser percebida pela cultura central, como passa a ser consumida na metrópole; o ponto em que a diferença cultural passa a ser encarada como estratégia de marketing” (PRYSTON, 2003, p. 48).

Nesse cenário, o avanço tecnológico tem fundamental importância no processo de descentralização da cultura. Essa realidade tecnológica possibilitou a produção artística das camadas periféricas, proporcionando que os produtores da periferia pudessem dispor de seu próprio estúdio de gravação. É a partir desses avanços que começam a surgir os artistas da periferia que buscam nas dificuldades vividas no dia a dia inspiração para letras de músicas, roteiros de filmes e videoclipes.

Na periferia da capital paraense esse contexto não é diferente, muitos artistas se utilizam das raízes periféricas como inspiração, como é o caso dos artistas Thais Badu e Pelé do Manifesto. Esses artistas buscam na música uma maneira de expor as dificuldades da população da periferia, principalmente, de se manifestar contra os preconceitos vividos por serem negros, vemos através das imagens abaixo a construção racial muito bem resolvida dos cantores, o que se assemelha ao clipe This Is America de Childish Gambino, pois os dois buscam inspiração em situações vividas pela população negra e por eles mesmos, para criticar e expor as problemáticas vivenciadas pelos negros em todo mundo.

Imagem 1: Thais Badu representante da cultura periférica paraense.



Fonte: YouTube.

O clipe da Thais Badu é um exemplo de como os elementos periféricos estão ganhando lugar na sociedade. Esse clipe está associado com This is America por se tratar de uma canção e um videoclipe que enaltece a cultura negra e busca a igualdade, aumentando a representatividade negra na sociedade.

Imagem 2: Pelé do Manifesto artista periférico.



Fonte: YouTube.

O rapper Pelé do Manifesto é outro exemplo de artista que evidencia a problemática negra e periférica em suas músicas. As canções compostas por ele, interligam-se a This is America por serem manifestos, isto é, observamos no vídeo a cobrança pela igualdade e o respeito entre as pessoas. Vale ressaltar também que o cantor expõe as questões de violência ocorridas na periferia.

Além dessa produção artística, as periferias são o centro de discussões, e delas também surgem os primeiros canais e redes sociais de moradores dessas localidades com o intuito de denunciar e buscar soluções para problemáticas da comunidade. O perfil do Facebook intitulado “Periferia em Foco” é um dos destaques desse tipo de produção jornalística comunitária, seu principal objetivo é denunciar e solucionar problemas como a ausência de saneamento no bairro, falta de segurança e entre outros.

Outro grande destaque presente nas redes sociais é o projeto realizado pelo negritar produções intitulado telas em movimento é um festival de cinema das periferias, que tem como finalidade democratizar o acesso ao cinema para os garotos e garotas dessas áreas periféricas, além de valorizar as produções regionais. Além do cinema voltado para a produção regional (filmes e documentários), a iniciativa proporciona seminários e *workshops* voltados aos estudantes e professores do ensino público. No seu perfil do Instagram, retratado na imagem abaixo, podemos visualizar toda a produção feita, como também documentários.

Imagem 3: Postagens do coletivo Telas em movimento que reforçam seu forte cunho social periférico.



Fonte: Instagram

A maior motivação hoje para a criação e execução de muitos desses projetos é que as periferias continuam sendo pouco representadas nas mídias convencionais e, portanto, sem a devida atenção do Estado. Por isso, os moradores desenvolvem alternativas e tecnologias próprias para atender às necessidades do cotidiano de uma comunidade, bem como diminuir a segregação espacial presente.

2. NAS TRILHAS METODOLÓGICAS.

Sabemos que a utilização de elementos representativos nos audiovisuais, sobretudo, nos vídeos, esses elementos estão sendo utilizados por produtores da periferia em busca de representação social e de voz a uma parcela da população que muitas vezes é esquecida pelo poder público e sociedade.

Com a chegada e popularização da internet nas comunidades, o YouTube e as redes sociais, principalmente, possibilitaram aos artistas periféricos e produtores, canais de visibilidade a problemas locais e preconceitos vivenciados. Para o autor Henry Jenkins (2009), a convergência indica que as novas e velhas mídias irão interagir de forma complexa, porém o convergir não irá significar unificar e manter estabilidade. Desta forma, as transformações culturais podem gerar aos consumidores a possibilidade de pensar e reagir também aos discursos políticos com a ideia de que “[...] substituir o conceito de cidadão individualmente informado pelo conceito cooperativo do cidadão monitor”. (JENKINS, 2009, p. 287).

Para Cazaloto (2003) essa é a principal inovação advinda do avanço da internet, o potencial de realização técnica da isegoria, ou igualdade no direito de fala, esta não deve ser compreendida como igualdade na possibilidade de ser ouvido. A primeira é derivada de uma subjetividade formal típica de teoria democrática, enquanto a segunda refere-se às condições reais de circulação de mensagens. Sendo assim, qualquer pessoa que mantenha um *blog* está em condição de igualdade no direito de falar com um grande portal privado como o G1.

Com isso, houve uma redução no papel dos chamados mediadores, que chegaram a ocupar papéis estratégicos de poder, monopolizando o discurso e a agenda social (VAZ, 2004, p. 216-237), entretanto, a figura do especialista foi sendo substituída pela função de filtrar (algo típico da Cibercultura que para Pierre Lévy (1999) é uma nova cultura formada

pela integração de várias culturas e vinculada aos fatores tecnológicos), está sendo responsável por organizar a grande quantidade de informações na rede. Isto demonstra a dissolução da tradicional oposição entre emissor e receptor.

A internet proporcionou a crise da chamada cultura de massa, propiciando a produção de um outro modelo, fundamentado na colaboração, na liberdade e na individualidade. Assim, o ser humano não seria mais o instrumento da indústria cultural⁴, mas sim o novo sujeito da sociedade em rede: “pela primeira vez na história, a mente humana é uma força direta de produção, não apenas um elemento decisivo no sistema produtivo” (CASTELLS, 2002, p. 69).

Dadas essas proporções e especificidades quanto ao contexto da produção de conteúdo nas periferias atualmente e suas modificações ao longo do tempo, através do estudo de recepção é possível entender o papel do audiovisual e as suas ressignificações. Desta forma, será possível captar como os receptores (lideranças) adquirem o papel de coprodutores do produto cultural, pois são responsáveis pela atualização de leituras e significados, rompendo caminhos preestabelecidos.

2.1. A recepção como método de investigação da comunicação.

Para adentrar aos estudos sobre recepção, precisamos conhecer o conceito de estudos culturais. Segundo Douglas Kellner (2001, p. 39), os estudos culturais “delineiam o modo como as produções culturais articulam ideologias, valores e representações de sexo, raça e classe na sociedade, e o mundo como esses fenômenos se inter-relacionam”. Isto é, os estudos culturais entendem a cultura como um espaço de batalha e averiguação, onde os indivíduos que formam grupos sociais, se constituem e produzem diversos sentidos.

Segundo Roseli Fígaro (2001), pensar os processos comunicacionais nos possibilita entender melhor a função dos produtos midiáticos na vida da sociedade, como eles influenciam no cotidiano dos grupos sociais, nas distintas comunidades e culturas. Proporciona também a

⁴ Para Adorno e Horkheimer, a indústria cultural, na concepção desses autores, destrói a herança cultural herdada, pois como ela rompe com a capacidade criadora, submete às póstumas gerações pouco ou nada de inovações culturais, limitando-se apenas em transmitir o que já foi descoberto. Essa transmissão também sofre alterações, pois reduz-se às demandas de mercados consumidores

saída da oposição emissor (ativo) e receptor (passivo) e instaura um modelo inverso ao anterior; emissor (neutro) e receptor (ativo).

Essa reflexão nos possibilita a desconstrução das mensagens, visando compreender o processo de comunicação como algo que perpassa e necessita da interação social. Conforme Silva (2006) os processos culturais estão ligadas às relações sociais e a formação de identidades, bem como a cultura está conectada com o poder, proporcionando aos indivíduos que constituem um grupo social de satisfazer suas necessidades. Desta forma, mesmo ainda a mídia sendo uma grande produtora de conhecimento, atualmente influenciadores, músicos e lideranças de comunidades, que em sua grande maioria vem da periferia, se tornam também grandes produtores de conteúdo e de conhecimento.

O pesquisador Jesús Martín-Barbero (1992), afirma que os grupos sociais na sua atividade interpretativa, podem tomar um texto da mídia como ponto de partida, mas eles criam de fato outro texto. Assim os atores do processo de comunicação (emissor/receptor) entram em uma dinâmica de interações, onde todos estão constantemente criando e recriando, adentrando no estudo das recepções que será lapidado ao longo deste tópico.

Mas afinal, o que é recepção? Definir o conceito de recepção não é tarefa fácil, devido a diversidade de definições e abordagens que este estudo possibilita. Vários pesquisadores já se dedicaram a esse tipo de pesquisa, entretanto não conseguiram chegar a uma única definição para o que seja recepção. Como relata Daniel Dayan na revista *Hermés*, em edição dedicada a esse assunto:

Chegamos à questão da recepção frente à teoria literária (Iser, Jauss, Fisch, Suleiman, Tomkins, Radway) à semiótica (Pierce, Eco, Veron) à história (Chartier) à psicologia social (Moscovici) à psicolinguística (Ghiglione), à pesquisa sobre a conversação e a elaboração da opinião pública (Katz, Noelle Neumann, Gamson, Boullier, Héritage). A questão está colocada de todas as partes. Em termos e perspectivas dificilmente conciliáveis. Frente à multiplicidade de fontes, e à diversidade de caixas de ferramentas, o consenso que emerge sobre a importância da recepção de fato se revela babélico. Não se trata apenas de simplesmente opor os métodos textuais aos experimentais, ou os métodos quantitativos aos qualitativos. A cultura metodológica dos pesquisadores tem papel determinante, mas que é diferente também pela imagem que eles fazem de cada elemento do processo de recepção, trata-se do espectador, do texto que a ele é confrontado, ou da relação entre um e outro (DAYAN, 1992, p. 15).

Já a palavra Recepção segundo o dicionário da Língua Portuguesa, refere-se ao ato de receber, aceitar ou receber. Esse termo também é um medidor para aceitação do público à determinado produto ou assunto. A recepção funciona como um indicador de aprovação e receptividade de algum produto midiático ou não. Por exemplo, diante de comentários elogiosos, pode-se dizer que algo ou alguém teve uma boa recepção. Em outras palavras, que o produto ou assunto teve retorno, vingou, conquistou o público-alvo.

A problemática da recepção está relacionada a um panorama amplo de relações socioculturais, ou seja, envolve a análise de diferentes mediações sociais e culturais que vão além da exposição imediata dos produtos midiáticos. Stuart Hall foi um dos desenvolvedores deste estudo direcionando a análise aos estudos da comunicação humana. Hall (2003), afirma que a experiência individual do ser humano fundamenta os significados e interpretações que, por exemplo um leitor ou espectador terá sobre o produto midiático, sendo assim o receptor ativo e não passivo.

Por fim, compreende-se a partir dos teóricos que o processo de recepção vai ser sempre uma via de mão dupla, onde o receptor passa a ter voz e opinião sobre os assuntos e produtos midiáticos, No entanto, para que isso aconteça é de fundamental importância a questão sociocultural no processo de recepção, ou seja, sempre haverá um *feedback*, uma resposta do espectador ou leitor. Com isso, o sujeito-receptor passa a ressignificar as mensagens midiáticas, identificando suas negociações e resistindo às lógicas dos meios de comunicação.

Como o receptor nessa teoria não é passivo, ou seja, manipulável e incapaz de formar opiniões contrárias, o significado da mensagem depende do contexto cultural do indivíduo. Hall (2003) expõe que a mensagem é uma estrutura com múltiplos significados não sendo tão simples quanto pensamos. Portanto, o processo de recepção não é algo aberto e transparente, que ocorre somente no final da estrutura comunicacional, sendo assim esse processo não acontece de modo unilinear.

Em síntese, a teoria da recepção de Hall possibilita o acordo e oposição do receptor a um texto escrito, oral ou visual, o que torna a recepção um processo ativo em busca da significação. Deste modo, o contexto cultural influencia no significado, tal como a interpretação dos signos.

Seguindo a mesma linha de pensamento da teoria de Hall (2003), nos quais os receptores não são meros espectadores do processo, passando a ter papel ativo dentro dele. O

autor Martín-Barbero (1997, p. 56) declara que “boa parte da recepção está de alguma forma, não programada, mas condicionada, organizada, tocada, orientada pela produção, tanto em termos econômicos como em termos estéticos, narrativos, semióticos”. Isto é, os conteúdos culturais são responsáveis, em conjunto com experiência individual, pelos repertórios que cada indivíduo dispõe para interpretar o real, assim além de ser um decodificador, o receptor passa a ser também um produtor de sentidos. Segundo Jacks:

Deslocar o eixo das pesquisas para as mediações não significa desconsiderar a importância dos meios, mas evidenciar que o que se passa na recepção é algo que diz respeito ao seu modo de vida, cuja lógica deriva de um universo cultural próprio, incrustado em uma memória e em um imaginário que são decorrentes de suas condições de existência. (JACKS, 1995, p.153)

Assim, o processo de recepção deve ser compreendido como um fenômeno complexo e por vezes contraditório, que vai muito além dos atos de ver, ler e/ou ouvir as mensagens midiáticas. É um processo mediado por agentes e situações diversas que possibilitam a produção de sentidos e significados pelos receptores a partir de seus repertórios individuais, construídos com bases na vivência e experiências cotidianas. Portanto, a recepção deve ser considerada não apenas como uma etapa dentro do processo comunicacional, mas, como um lugar que tem a possibilidade de oportunizar, rever e repensar a totalidade do processo, de atender a todos os elementos que o compõe.

2.2. O objeto empírico x metodologia.

Para a análise do nosso objeto de estudo é necessário que haja o levantamento documental, bem como, a revisão da literatura para uma aproximação do tema, com leitura de fontes que já tenham feito uma discussão sobre as questões abordadas neste trabalho. Além disso, essa contextualização pretende trazer à tona questões demográficas, estruturais e socioculturais.

Afinal, o que é levantamento documental? É uma técnica realizada a partir de documentos, contemporâneos ou não, considerados cientificamente autênticos. Esse tipo de técnica é importante na pesquisa qualitativa. Ressalta-se ainda que o meio de pesquisa

documental se assemelha ao método de pesquisa bibliográfico, porém as fontes são distintas. O teórico Jorge Lopes discorre sobre a semelhança existente entre estes dois métodos:

É possível entender então aqui, a formação da pesquisa documental, visto que ela é assunto não tão estranho assim, para quem já se consultou sobre a pesquisa bibliográfica. A diferença crucial é que na pesquisa documental, ainda não houve um filtro analítico, e os materiais podem sofrer reelaboração de acordo com os objetivos da pesquisa. (LOPES, 2006, p. 100)

Por outro lado, a revisão de literatura é a etapa do trabalho acadêmico, em que se reúne às fontes da pesquisa que vão servir de embasamento teórico para o artigo. Além disso, serve também para dialogar com essas referências e aplicar os seus conceitos ao tema do trabalho. Este tipo de técnica apresenta algumas limitações de recursos disponíveis, por exemplo, o idioma de publicação do estudo, como discorre alguns teóricos acerca desse assunto:

Uma revisão sistemática de literatura também pode ficar sujeita a viés em função do processo de seleção dos estudos [...]. Portanto, é importante que os critérios de inclusão e exclusão sejam definidos com base no escopo da revisão, claramente explicitados e rigorosamente seguidos durante o processo de busca. (DRESCH, LACERDA E ANTUNES JÚNIOR, 2015, p. 151).

Sendo assim, a partir da compreensão acerca da pesquisa documental e da revisão de literatura, entendemos que existe a possibilidade de captar questões do contexto ao qual o sujeito está inserido que por consequência interferem na forma como estes compreendem o videoclipe. Pretendemos entender as nuances de bairros como: Sacramenta, Cremação e Icuí, pois cada periferia possui suas particularidades já que o contexto sociocultural influencia diretamente no processo de Recepção.

Com a intenção de compreender como o contexto sociocultural influencia na construção das interpretações e ressignificações do indivíduo e também de analisar a importância do contexto local para essa interpretação das mensagens expostas pelo videoclipe This Is America se fez necessário o emprego de entrevistas individuais para entender o contexto no qual aquele indivíduo está inserido, e para compreender tal questão é indispensável que o foco da análise leve em conta o processo de recepção.

A entrevista é o meio pelo qual queremos obter dados para elaboração de uma pesquisa, para validar hipóteses e objetivos. Para Duarte (2010) “a entrevista é uma das mais comuns e poderosas maneiras que utilizamos para tentar compreender nossa condição humana”. Deste modo, a entrevista tornou-se uma técnica clássica na obtenção de informações nas ciências sociais e humanas. Duarte discorre acerca da entrevista:

A entrevista em profundidade é um recurso metodológico que busca, com base em teorias e pressupostos definidos pelo investigador, recolher respostas a partir da experiência subjetiva de uma fonte, selecionada por deter informações de se deseja conhecer [...]. Uma das dificuldades é que o pesquisador deve ter afiada capacidade de manter o foco e garantir a fluência e a naturalidade. Flexível e permissiva, exige habilidade para não se perder no irrelevante ou torná-la uma conversa agradável, mas improdutiva. (DUARTE, 2010, p. 62 e 65)

Bourdieu expõe da seguinte forma o seu pensamento acerca da entrevista; “entrevistar não é se colocar no lugar do outro, mas dar compreensão a sua fala.” (1997, p. 700). Para compreender essa diferença exposta por ele, é fundamental entender que embora o pesquisador se esforce para adentrar no universo do entrevistado, jamais poderá se apropriar do contexto sociocultural ao qual está inserido o entrevistado, embora possa compreender e interpretar o seu discurso a partir dos processos inerentes à pesquisa: “[...] é preciso ser dito que compreender e explicar são a mesma coisa.” (BOURDIEU, 1997, p. 700).

Existem diferentes tipos de abordagem da técnica de entrevista. Para esta pesquisa utilizamos a entrevista semiestruturada, onde poderemos compreender as percepções e experiências dos entrevistados. Para Duarte (2010), essa forma de entrevista é um recurso metodológico que visa o recolhimento de respostas com base na experiência subjetiva de um indivíduo.

Por apresentar caráter qualitativo a entrevista semiestruturada possibilita o conhecimento de como determinado aspecto é notado por um conjunto de entrevistados. Fornecendo assim, informações para entendimento de uma situação ou problema. Esse modo de entrevista, segundo Duarte (2010), é um instrumento útil para lidar com situações complexas, pois proporciona um levantamento baseado em relatos das experiências individuais e de suas interpretações. Por fim, a entrevista semiestruturada tem origem num roteiro preestabelecido que dialoga com teorias e hipóteses que interessam ao trabalho,

oferecendo um vasto campo de interrogativas que por consequência dão origem a novas hipóteses que surgem conforme as respostas dos entrevistados.

A utilização da técnica de entrevista no presente artigo é de fundamental importância, pois a partir da análise dos dados obtidos por meio dos entrevistados teremos uma compreensão acerca do contexto sociocultural sob o qual o entrevistado está inserido, permitindo assim o entendimento da relação do videoclipe *This is America* com a produção audiovisual presente nas periferias.

Deste modo, desenvolvemos um roteiro de perguntas (localizado no anexo I) acerca da periferia onde cada sujeito reside, relacionando com as problemáticas expostas no videoclipe. Assim, esta técnica possibilita a captação de questões do dia a dia das periferias e de como essas reflexões auxiliam na compreensão do contexto inserido no videoclipe.

3. MAPEAMENTO DOS PRODUTORES SOCIAIS.

Nesta pesquisa buscou-se mapear e organizar atores sociais que dialogam suas temáticas a do videoclipe *This is America*. Para isso, fizemos o levantamento pelo Instagram, por ser um aplicativo e rede social de fácil acesso e possuir ferramentas como as *hashtags* que facilitam a busca. Essa árdua tarefa necessitou de uma pesquisa aprofundada quanto a relação que esses atores possam ter com o audiovisual como o exposto na tabela abaixo:

Tabela 1. Atores sociais selecionados

<i>Projetos/ Artistas</i>	<i>Users</i>	<i>Bairro/ Cidade</i>
Gabrielle Oliveira	@tefitidoicui	Icuí
Pretas WebSéries	@pretaswebserie	Belém
Thais Badu	@thaisbaduoficial	Sacramenta
Giovanna Cabral	@giocfb	Soure/ Ilha do Marajó

Yaçana Ribeiro	@yacanaribeiro	Maguari
Coletivo Tela Firme	@tela_firme	Terra Firme
Periferia em Foco	@periferia.foco	Cabanagem
Dayana Manasses	@aluzpreta	Curuçambá

Fonte: próprio autor

Nestes perfis encontramos um bom engajamento com os propósitos estabelecidos neste trabalho. Durante a pesquisa observamos que nas redes sociais as questões que exaltam a beleza negra possuem grande repercussão e engajamento, por exemplo, a utilização das *challengers*, desafios realizados nas redes sociais, cujo propósito em geral dos que foram vistos é em particular a valorização da beleza negra.

Imagem 4. Yaçana Ribeiro participando das famosas Challengers.



Fonte: Instagram

A pós-graduanda em história e cultura afrobrasileira e indígena Yaçana Ribeiro, além de apresentar toda sua representatividade negra em suas redes sociais, expõe ainda sobre os conhecimentos adquiridos tanto no quesito acadêmico, como também as experiências

vividas em um quilombo. Participou do *challenger* intitulado Afro Amazônicas, onde repassou a beleza única de todas as raças, sem que haja uma superioridade. A representatividade gerada através desses desafios possibilita a aceitação das características negras que antes eram camufladas como o simples ato de alisar o cabelo.

A cantora Thais Badu dialoga suas temáticas com videoclipe *This is America* a partir das letras de suas músicas, onde denuncia também o preconceito e a segregação. Seu primeiro EP lançado ano passado mostrou ao público mensagens de luta e experiências vivenciadas ao longo de sua trajetória musical. Neste EP, a artista traz questões como o empoderamento, segregação, preconceito, além da mistura de ritmos regionais paraenses com o pop reggae. O videoclipe do single “Minha História” foi gravado em frente à casa da cantora, no bairro da Sacramenta, periferia da capital paraense. Este clipe demonstra a vivência da mulher amazônica nas periferias de Belém.

As ativistas sociais Giovanna Cabral e Gabrielle Oliveira idealizadoras de um desafio virtual que viralizou na internet, onde transmitia também a valorização da beleza negra, bem como o seu empoderamento, a representatividade e aceitação de si mesmo. Através do *challenger* foi apresentado a diversidade da negritude amazônica, ou seja, as singularidades existentes quanto às características da beleza negra. A ativista Gabrielle Oliveira residente no bairro do Icuí ressalta a importância da autoaceitação para o enfrentamento do racismo em nossa sociedade. Giovanna Cabral, criada em Soure, ilha do Marajó, residente atualmente no bairro do coqueiro, procurou mostrar no desafio elementos da cultura paraense, como, o gênero musical popular intitulado tecnomelody que surgiu em Belém nos anos 2000.

A produtora audiovisual, Dayana Manasses foi uma das participantes do desafio virtual que viralizou na internet recentemente. Sua relação com o videoclipe está visível na sua atuação nas redes sociais onde valoriza a beleza negra. Moradora do bairro do Curuçambá em Ananindeua, ela reforça a importância da autoaceitação da beleza negra e não restringindo autoaceitação apenas aos aspectos estéticos, mas também aceitação do lugar do povo negro na sociedade.

A web série Pretas cuja as temáticas se assemelham a de *This is America* é uma produção colaborativa paraense, idealizada pela produtora Negritar Produções, que ao longo de nove episódios relata vivências de mulheres negras em diversos contextos. As narrativas

trazem à tona questões sobre aceitação, sexualidade, solidão e intolerância religiosa. A ideia central da web série é trazer reflexões acerca do lugar da mulher negra na sociedade e a necessidade desta de ter voz ativa e ser ouvida. Um audiovisual de resistência perante as narrativas estabelecidas pelo machismo e racismo ao longo da história.

O Tela Firme e o Periferia em Foco são atores sociais das chamadas mídias alternativas que atuam nas periferias da capital paraense, especificamente nos bairros Terra Firme e da Cabanagem. Esses meios de comunicação populares têm como finalidade a produção de vídeos caseiros com as mais diversas temáticas relacionadas ao bairro, proporcionando a valorização da periferia e das pessoas que vivem no espaço. Em suas respectivas redes sociais fazem denúncias, como a falta de infraestrutura e o descaso existentes nesses lugares, mas acima de tudo buscam conscientizar os moradores da comunidade sobre a importância do exercício da cidadania, que é inerente a luta pelas conquistas dos direitos do cidadão e de sua emancipação social.

3.1. Formação da cidade de belém.

Belém nasceu e cresceu na convergência do interior e do mar. Segundo Tourinho, Meira Filho & Couto (1976) o crescimento da cidade possui dois vetores, um voltado para o rio e outro voltado para o mar. Desta forma, por estar em um terraço fluvial, protegido do fenômeno das marés, tem-se aí o início da formação da cidade de Belém.

Pinheiro, Lima, Sá e Paracampo (2007) ressaltam que diante da sua rápida expansão e por possuir uma vasta área alagada, Belém foi ocupada da seguinte forma: famílias financeiramente privilegiadas se instalaram nas regiões de terra firme, adequado para construções grandiosas, por outro lado, os mais pobres instalaram-se nas áreas de várzea, com pouca firmeza e pouca fertilidade, mais próximos do aglomerado centro comercial da cidade, conhecidos depois como áreas de baixada.

Com a modernização de Antônio Lemos, houve de fato intervenções estatais na formação urbana da cidade, porém foi marcada pela união e favoritismo da classe burguesa. Portanto, a segregação territorial provocada pelas políticas de Lemos, refletem na forma como até hoje é ocupado o território belenense.

Neste tópico iremos conhecer alguns bairros como a Cabanagem, que até então era considerado bairro operário, pois as pessoas que trabalhavam por exemplo, no reduto, na campina e na cidade velha, se afastaram para essas áreas que possuíam o custo de vida mais barato.

3.1.1. Cabanagem: em memória à revolta cabana.

De acordo com a revista *Periferias* (Frazão e Couto, 2018), entre as décadas de 80 e início de 1990, na capital paraense ocorreu vários movimentos de ocupação habitacional, o que se tornou comum na cidade com as chamadas invasões. Esse tipo de ocupação popular passou a fazer parte da paisagem urbana da cidade, evidenciando um espaço marcado por conflitos de terras. É nesse cenário, que o bairro da cabanagem surge em homenagem ao movimento popular da cabanagem (1835 a 1840), instaurado na província Grão-Pará (atual estado do Pará), cujo nome é atribuído em função da grande parte dos integrantes do movimento terem sido moradores de cabanas à beira dos rios da região.

O bairro surge em meados de 1988 com o acelerado crescimento que alcançou. De acordo com o último censo do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) ocorrido em 2010, a população do bairro era de 27.781 habitantes. Segundo a revista *Periferias* (FRAZÃO & COUTO, 2018), no início, o bairro foi chamado de Santa Maria, pois a ocupação da cabanagem aconteceu em uma propriedade de fazenda com o mesmo nome. A ocupação efetiva da área ocorreu a partir da intervenção do governador da época Hélio da Mota Gueiros (1987-1991), nesse governo houve a desapropriação do terreno de uma empresa que trabalhava com a retirada de areia e depósito de resíduos asfálticos.

A cabanagem é considerada um bairro periférico de expansão em Belém, por isso, a existência de ativismo social no local é fundamental: são coletivos de bairros, ONGs, centros comunitários entre outros que contribuem para os movimentos de resistência periférica que lutam pelos direitos da comunidade.

3.1.2. Terra Firme: luta pela moradia.



Ao relatar a história do bairro da Terra Firme, é difícil que a luta pela moradia não ganhe destaque. Estabelecida sob áreas alagadas e em meio a um problema jurídico sobre a titularidade das terras, muitos protestos, marchas e ocupações políticas ocorreram até que parte dos moradores pudesse receber a escritura de suas residências e deixarem de ser considerados invasores pela sociedade e pelo discurso da grande mídia local.

O Brasil sempre foi nítido a enorme concentração de terras, bens materiais, poder político e econômico nas mãos de poucas famílias. Na capital paraense, aconteceu do mesmo modo – Até o ano de 1930, “mais da metade de Belém, estava nas mãos de quatro famílias” (ALVES, 2010, p. 53),

Como as tensões persistiam, logo após sua posse em novembro de 1930, o capitão interventor Magalhães Barata, a fim de ‘chamar para si o velho problema’ do conflito entre proprietários e moradores dos latifúndios monta uma comissão para estudar o problema da legalização (com os representantes dos proprietários e dos arrendatários). E depois de ouvir as partes, toma a decisão inesperada de desapropriar as terras, sem qualquer indenização ‘para isso, extinguiu pelo Comisso, todos os contratos de enfiteuse relativo, não só os três já citados (dos Lobos e dos Guimarães), como também um outro latifúndio tão grande quanto os antecessores. (ALVES, 2010, p. 52).

Com a decisão do interventor, foram fundados em Belém os bairros do Telégrafo, Pedreira, Marco, Matinha e Canudos. Segundo Luciana Cunha (2016) a grande propriedade que teria dado origem a Terra Firme pertencia à família Acatauassú Nunes. Quando a área início o processo de ocupação pelos posseiros de maneira intensa, o terreno já pertencia a Universidade Federal do Pará (UFPA), o que deu início a um longo conflito entre os que residiam no terreno e os governos municipal, estadual e federal.

3.1.3. Sacramento: um bairro a beira da baía do guajará

Segundo Ernesto Cruz (1992), o bairro da Sacramento teve origem por volta dos anos 20 do séc. XX, na mesma área chamada de Macaxeira. O nome atual provém de uma antiga rampa que havia nas proximidades da baía do Guajará, cujo nome era rampa da Sacramento. Já Guilherme Pimenta, autor do livro “Sacramento: 90 anos da história”, narra que há duas

possíveis origens para o nome do bairro; o primeiro morador da Sacramento se chamava João Sacramento, logo a outra possibilidade seria a de que animais de tração quando faleciam eram enterrados e sacramentados onde hoje é o bairro.

A Sacramento foi construída sob o aterramento de áreas alagadas e sempre teve esse caráter residencial. Os moradores sempre lutavam por melhorias no bairro participando de muitas reivindicações, como por exemplo: a chamada Guerra da Poeira (1977), onde a população lutava pelo asfaltamento das principais vias do bairro.

De acordo com o último censo do IBGE realizado no ano de 2010, a população do bairro era de 44.413 habitantes. Desse total, os homens representavam cerca de 20.984 habitantes, e a população feminina 23.429 habitantes.

3.2. Ananindeua: a cidade dormitório que se expandiu.

O município de Ananindeua faz parte da região metropolitana de Belém. De acordo com dados da estimativa de população dos municípios realizada pelo IBGE em 2018, a população da cidade ultrapassa meio milhão de habitantes, o que torna Ananindeua o segundo maior município do estado e o terceiro maior da Amazônia em número de habitantes. Em seu território está localizada aquela que já foi considerada a maior ocupação urbana da América Latina, o bairro do Paar (complexo Pará, Amapá, Amazonas e Roraima) que abriga milhares de famílias de baixa renda e jovens em situação de vulnerabilidade social.

O nome Ananindeua é de origem tupi e foi escolhido para nomear a cidade devido à grande quantidade da árvore chamada Anani, que produz a resina utilizada para selar as fendas das embarcações. Devido à falta de espaços para construção de novas moradias em Belém, a cidade de Ananindeua apresentou um considerável desenvolvimento nos últimos anos o que retirou do município o título de “cidade dormitório”, isto é, o município era lugar de descanso para trabalhadores, que exerciam sua profissão noutra cidade.

A estreita relação entre Ananindeua e Belém, segundo Rodrigues (1988), apesar das duas cidades se distanciarem no espaço e governo administrativo local, mesmo que residir em Ananindeua signifique também residir em Belém. Isso em razão de Ananindeua ser uma opção de moradia para as pessoas de baixa renda da capital paraense, o que demonstra

compromissos do Estado com a classe dominante que o torna desqualificado de conduzir os mecanismos envolvidos no capital imobiliário para uma ocupação responsável e socializada do espaço urbano pelas variadas classes sociais. Este fator é evidenciado no fato da cidade de Ananindeua apresentar um considerável crescimento populacional devido a construção da rodovia BR-010 (Belém-Brasília) na década de 60 o que possibilitou a instalação de indústrias, antes localizadas apenas na capital, ao longo desta rodovia.

3.2.1. Coqueiro: o bairro povoado por japoneses.

Segundo o historiador Adrielson Furtado (2012), o bairro do coqueiro é um dos mais antigos povoados de Ananindeua. A paisagem desse bairro era marcada por habitações humildes, com casas isoladas e grandes quintais com árvores frutíferas, na qual o jambeiro era a espécie de presença cativa na paisagem.

No século XIX, as terras do que hoje é o conjunto habitacional Cidade Nova foram povoadas por imigrantes nordestinos, quando iniciou-se a grande derrubada da mata virgem (popularmente conhecida como as matas do 40 horas), com o objetivo de produzir postes para a instalação da rede de iluminação pública de Belém, lenha para as locomotivas da Estrada de Ferro de Bragança e também para as indústrias da capital. Na década de 50, além dos imigrantes nordestinos com suas propriedades rurais, também se encontrava famílias descendentes de japoneses, donos de granjas e praticantes de culturas de subsistência.

Por causa das dificuldades de subsistência, compra e venda da produção, alguns proprietários chegaram a abandonar seus cultivos por alguns momentos. Algumas áreas eram conhecidas como fazendas, devido sua grande extensão de terra e pela criação bovina naquele lugar. Apesar de ter sido um povoado, na década de 60 já era considerado o mais populoso com cerca de 1.500 a 2.000 habitantes. Atualmente, segundo os dados do IBGE relativos ao último censo demográfico realizado no ano de 2010 a população do bairro era de 471.980 habitantes. Entre os bairros de Ananindeua, o coqueiro é o que ocupa cerca de 191.429 km² conforme os dados do IBGE, sendo assim é o bairro do município com maior extensão territorial.

3.2.2. Icuí: bairro de condomínios e conjuntos.

Desde a década de 60, houve o processo de formação do que conhecemos hoje como a Região Metropolitana de Belém. Ananindeua, município que integra esta região, foi o que passou por transformações mais intensas na reorganização do seu espaço, seja pela proximidade com a capital do Estado, seja pela descentralização da cadeia produtiva e mobilidade populacional.

Tais transformações são evidenciadas a partir da constituição dos vários bairros do município. Para a coordenadora da Escola de Aplicação, da UFPA, Lilian Brito (2010), uma das hipóteses que explica a expansão de Belém para as áreas localizadas no município de Ananindeua é a chamada antecipação espacial, fenômeno caracterizado pelo investimento de empresas imobiliárias e industriais em espaços que, supostamente, não dariam grandes retornos financeiros, mas, na verdade, tornam-se bastante valorizados a partir do incremento da infraestrutura e da ação do Estado, que estimula a ida de pessoas para locais onde a concentração populacional é menor.

Desta forma, o bairro Icuí-Guajará mais popularmente conhecido por Icuí, localizado no município de Ananindeua, o bairro foi formado basicamente por loteamentos e condomínios, porém ao longo dos anos obteve áreas invadidas, que eram ocupadas por sítios e chácaras abandonadas por muito tempo. De acordo com Lilian Brito (2010), o Icuí-Guajará é uma área detentora de uma diversidade no uso do solo, pois é possível encontrar madeiras, olarias, sítios de grande e pequeno porte, granjas, e o interessante é notar que tudo isso está ao lado de condomínios fechados, loteamentos privados e conjuntos habitacionais regulamentados pelo Estado.

3.2.3. Maguari: o conjunto habitacional que se tornou um bairro.

Tendo como principal objetivo atender a classe média baixa, principalmente, os funcionários públicos e profissionais liberais, o conjunto que mais tarde se tornou bairro, foi projetado para 2500 unidades habitacionais distribuídas em 33 alamedas. Seu processo de construção deu-se no final da década de 70 e início de 80, do século passado.

Após a entrega das chaves pelas incorporadoras aos proprietários, consideravam naquele momento o conjunto residencial muito distante do trabalho e do centro da cidade. A compra desses imóveis tinha apenas dois objetivos: adquirir um bem longe do centro da cidade que servisse de refúgio aos seus proprietários, e o outro, para a especulação imobiliária. Portanto, moradia propriamente dita, era uma opção secundária. Estes, e outros fatores contribuíram para o abandono das casas, que por sua vez estimularam o processo de ocupação.

4. UM DIÁLOGO DAS RESPOSTAS CAPTADAS NAS ENTREVISTAS.

Neste trabalho foram selecionados atores sociais que de alguma forma dialogam com o videoclipe, ao todo foram entrevistadas nove pessoas, entre 20 e 41 anos de bairros periféricos da região metropolitana de Belém, devido a pandemia do COVID-19 as entrevista foram realizadas pela plataforma do *Google Forms*, criador de formulários online, que proporcionou fazer questões discursivas e assim um obter *feedback*. Ao longo do processo, Percebemos diferenças e semelhanças nos discursos de cada um que serviram de base para a análise que aqui será feita.

A grande maioria dos entrevistados quando perguntados acerca do dia a dia no seu bairro, destacaram a violência constante, ressaltando o perigo de andar nas ruas durante alguns períodos do dia, bem como, o medo causado pela presença das forças de segurança. A violência retratada pelos personagens se torna perceptível por exemplo, quando observamos os noticiários relatando a criminalidade inserida no cotidiano desses lugares.

Com base nessas vivências, retornamos aos tópicos anteriores acerca da construção da periferia, onde os autores Zaluar e Alvito (2006) afirmam que as favelas passaram a fazer parte da história de muitos lugares no Brasil, associadas às questões individuais e de conflitos. O deslocamento de pessoas das áreas centrais para os subúrbios, que sofrem com o abandono do Estado até os dias atuais, passa a ter a imagem de um local de carência, de falta de políticas públicas e de insegurança. Dentre os relatos é importante destacar a fala de Gabrielle de Oliveira, moradora do bairro do Icuí, onde nos conta um pouco do cotidiano do seu bairro e ressalta como os moradores convivem com a violência na localidade:

O Icuí é um bairro periférico do município de Ananindeua, contém um polo científico que é o IFPA de Ananindeua, mas é um bairro que sofre com

muitas mazelas sociais e as expressões delas são muito enfáticas no nosso cotidiano. Ao passo que convivemos com pessoas que tentam de alguma forma fugir dos dados estatísticos de marginalização, também temos que conviver com a milícia, com vizinhos que volta e meia são dados mortos ou cruelmente executados nas nossas ruas. (OLIVEIRA, 2020, s/p)

Entretanto, uma parcela dos entrevistados entra em contradição ao que foi exposto pelos outros atores. Aqui eles relatam a tranquilidade e agitação de alguns bairros, mas não evidenciam a violência, que para eles é fruto da efetividade do Estado no combate a violência, como também lições de vida presentes nos bairros que servem de inspiração para jovens que estão sempre dispostos a mudar sua realidade. É o que afirma Wellington Frazão, morador do bairro da Cabanagem, onde ressalta a efetividade do governo contra a violência: “Atualmente está mais calmo o fluxo no bairro. Digo isso em relação aos assassinatos que ocorriam todo santo dia, mas com a chegada do programa Território pela Paz do governo do Pará, a tranquilidade chegou ao bairro.” (FRAZÃO, 2020, s/p).

Quando perguntados acerca da questão racial exposta no videoclipe se há diferenças ou semelhanças em relação a enfrentada pelo povo negro no Brasil, todos os participantes concordam que o racismo é velado no Brasil, enquanto nos Estados Unidos as pessoas têm consciência e vão às ruas. Sendo de comum acordo também a violência policial e a marginalização dos negros sobretudo aqueles que vivem na periferia. Como afirma Giovanna Cabral, moradora do bairro do Coqueiro, onde retrata a face dolorosa do racismo

[...] o racismo existe e é dolorido. Crianças morrem por conta da violência policial nas periferias o tempo inteiro, todos os dias. No meu bairro é perigoso igual qualquer outra periferia de Belém, policiais violentos e despreparados, meninos pretos sendo assassinados... a diferença daqui para os EUA é que aqui o racismo é velado, talvez isso seja ainda mais dolorido. A gente demora para perceber o tamanho da violência que estamos sofrendo. (CABRAL, 2020, s/p)

Verificamos ainda nessa relação da violência do audiovisual com a ocorrida no Brasil, que os participantes trazem suas experiências individuais, o que para Stuart Hall (2003) dentro dos estudos de recepção, é o alicerce dos significados e interpretações, isto é, o que leitor ou espectador terá sobre o produto midiático. Entres essas respostas podemos destacar a fala de Gabriele de Oliveira, moradora do bairro do Icuí, que discorre acerca da questão racial:

O racismo é um fenômeno social mundial, ele antecede até mesmo o capitalismo. Meu bairro e o meu cotidiano são só mais um reflexo da forma como a sociedade se constitui, uma vez que o racismo é estrutural. O povo negro dos Estados Unidos sofre racismo bem como o povo negro no Brasil, mas somos povos diferentes e não podemos universalizar a nossa existência ou a forma como o racismo se constitui aqui com a forma de lá, ainda mais na Amazônia, que carrega consigo suas particularidades. Bezerra Neto, no livro *O cotidiano mais do que perfeito: instrução e sociabilidades femininas sob vigília no recolhimento das educandas* explica que houve "uma complexa rede de intercâmbios que, envolvendo diversas etnias indígenas, permitia o contato com mocambeiros, escravos e pessoas livres de diversas regiões fronteiriças da Amazônia brasileira". Então é preciso conceber o racismo como um problema universal porque as sociedades colonizadoras utilizaram do racismo para se levantar como potências, mas nós temos cada um suas particularidades, que devem ser observadas e respeitadas. (OLIVEIRA, 2020, s/p)

Em outro momento, questionados acerca da importância de manifestos antirracistas em forma de música no combate ao preconceito, todos concordam sobre a importância dessas músicas. Acrescentam que o poder delas coloca em evidência o protagonismo negro, além de ser um momento de reflexão, como uma válvula de escape da realidade, resultando numa autoafirmação, onde se torna fonte de informação e ainda a expressão de um povo. É importante ressaltar a fala de Dayana Manasses, moradora do bairro do Curuçambá, na qual reafirma a importância da arte em sentido amplo no combate ao preconceito:

Acredito que a arte é uma válvula de escape da realidade e um meio de construção de futuros possíveis e justos para o povo preto além de apresentar a denúncia imediata da opressão sofrida pela população negra e ser um caminho para despertar consciência racial. (MANASSES, 2020, s/p)

Ao serem questionados se acreditavam que no Brasil os negros eram vistos apenas como mais um em meio à multidão, todos concordam que sim, os negros ainda são vistos como um objeto, o que acabou tornando-os invisíveis perante a sociedade. Acrescentam ainda a desumanização das pessoas negras passando a serem vistas como um rótulo. A cantora Thais Barros, moradora do bairro da Sacramento, faz uma análise histórica da situação negra no país:

Desde o primórdio da colonização sul-americana nós estamos aqui exclusivamente para servir, depois o homem branco mesmo sem poder nos dominar diretamente continuou nos colocando nos piores cargos, salários e divisão social, ou seja ainda estamos sob dominação, uma dominação

camuflada de livre arbítrio, mas que na prática não existe, então todo momento subconscientemente nós entendemos que nosso lugar e de servidão, muitos de nós para fugir disso somos autônomos isso se pode observar em pequenos bairros como o que eu moro. (BARROS, 2020, s/p)

Essas respostas se devem ao fato de que os conteúdos culturais, como expôs Martín-Barbero (1997), são vistos como responsáveis, juntamente com experiências individuais, pelos repertórios que cada indivíduo dispõe para interpretar o real. É relevante destacar a fala de Yaçana Ribeiro, moradora do Maguari, na qual relata sua experiência em relação ao racismo:

[...] Uma vez estava voltando da faculdade com meu marido, dois policiais seguiram a gente da avenida principal até a nossa rua, nos abordaram já com armas e tirando meu marido de cima da moto pela camisa, mesmo depois de ter visto que os documentos da moto estavam todos certos, continuou insistindo que tinha um casal de moto assaltando os moradores aqui do entorno, continuei explicando que estávamos vindo da faculdade, que passamos o dia fora porque depois do trabalho vamos direto para faculdade e só retornamos à noite, que não precisava usar de violência, já que não estávamos representando nenhuma ameaça, ele disse “e tu querias o quê, flores?”, aqui no bairro é assim, tu podes ser trabalhador, universitário, mas antes de tudo isso, és negro, então sem flores, haviam outras pessoas durante o caminho, mas curiosamente eles só abordaram a gente, porque no meio da multidão, eles sabem direitinho identificar quem é ou não uma potencial ameaça. (RIBEIRO, 2020, s/p)

Vale ressaltar, que ao serem perguntados sobre o combate ao racismo, do total de nove entrevistados, quatro acreditam que o racismo vem sendo combatido, porém de forma gradativa e lenta. Por outro lado, os demais atores sociais afirmam que não encontraram mudanças, pois o racismo no Brasil é algo muito mais do que estrutural. Conforme visto nos estudos de Stuart Hall (1980), a imagem que cada sujeito constrói da realidade é algo produzido simbolicamente a partir de suas vivências individuais. A ativista Gabriele de Oliveira, moradora do bairro do Icuí, afirma que:

[...] não é interessante para branquitude que o racismo seja combatido. O sistema se mantém a partir da exploração de grupos subalternos. Se essa manutenção não acontece, o sistema se desmonta e a branquitude perde o controle como grupo hegemônico. (OLIVEIRA, 2020, s/p)

Partindo do comum entendimento entre os entrevistados, que os negros ainda são vistos como um objeto no Brasil, e indo em direção à projetos de combate ao preconceito dentro dos bairros de cada sujeito, observamos que mais da metade não conseguiram identificar nenhuma ação. Entretanto, alguns afirmam que não existem grupos consolidados que combatam o racismo, e sim, formas de resistência como por exemplo, grupos de capoeira, trançadeiras, casas de religião de matriz africana, ONGs que disponibilizam e incentivam jovens através de rodas de conversa, oficinas e música.

É por meio da música e das redes sociais que os atores acreditam ter visibilidade, já que muitos da comunidade negra e da periferia não se sentem representados pelas mídias tradicionais, bem como os espaços de poder. É através delas também que podem contar sua história e se sentirem representados. Com base nessas respostas percebemos o que os estudos culturais de Douglas Kellner (2001) expõem, a cultura (nesse caso em particular a música) sendo vista como um espaço de batalha e averiguação, onde os indivíduos que formam grupos sociais, se constituem e produzem diversos sentidos. Assim, de acordo com a cantora Thais Barros, moradora da Sacramenta, as produções midiáticas colaboram de fato com a visibilidade da questão negra na sociedade:

Para afirmar que existimos e seguimos resistindo. O Estado possui um projeto genocida, epistemicida, etnocida que quer apagar qualquer vestígio de negritude da sociedade. Construir obras literárias, musicais, culturais é de suma importância por carregar nela aspectos do nosso contexto político-econômico-social-histórico. (BARROS, 2020, s/p)

Questionados sobre exemplos de produções midiáticas que ratifiquem a representatividade negra, os participantes apresentaram vários exemplos, como: Gaby Amarantos, Shayra Mana, Bia Ferreira, Queen Sono, jornalistas e alguns programas de Tv. Contudo alguns afirmam que a maioria está no mercado para preencher cota, já que se mostra tímida e até mesmo confundem o termo representatividade.

O audiovisual *This Is America* enfatiza a violência histórica sofrida pelo povo negro nos EUA. No Brasil sabemos que a escravidão durou cerca de 300 anos, atualmente os negros são as maiores vítimas de assassinato no país. Questionados sobre o papel do estado, e como pode haver mudanças no cenário, todos os entrevistados concordaram que o estado, atua como genocida em relação ao povo negro, ressaltando a não aceitação da comunidade negra no país, bem como, atos racistas no Brasil que ainda são vistos por uma minoria como "brincadeira",

tornando o racismo natural. A partir da fala de Yaçana Ribeiro, moradora do bairro Maguari, que destaca o genocídio não apenas através de mortes, como também:

[...] o Estado é o maior responsável pelo genocídio da população negra, a cada 23 minutos um jovem negro é assassinado no Brasil, vítima de racismo e de violência policial. Mas esse genocídio não se dá apenas pela morte física, a desumanização de corpos negros, o encarceramento em massa de pessoas negras, o apagamento da nossa história e cultura, também são exemplos disso. [...] (RIBEIRO, 2020, s/p)

Percebemos que novamente nessa questão que os participantes utilizaram-se das experiências individuais em conjunto com os significados e interpretações gerados pelos produtos midiáticos, além de ser resultante da produção visual e textual. A ativista Gabriele de Oliveira, moradora do bairro Icuí, relata os caminhos para o enfrentamento do racismo:

Na verdade, esses dados demonstram a efetividade do Estado atuante como genocida. Na minha concepção, o verdadeiro caminho para derrubar o racismo é a construção da autonomia do povo negro no Brasil, é a visualização de uma organização substancial independente de qualquer estrutura ocidental que vai educar pessoas pretas a se reorientarem e buscarem auto-afirmação das suas identidades. (OLIVEIRA, 2020, s/p)

Dentre as atitudes propostas pelos participantes, podemos elencar: aliar-se às lutas que visem o acesso da população negra nos espaços de poder, na mídia, consumir o conteúdo de pessoas negras e apoiar o trabalho destas; Oportunidades iguais (entre meninos e meninas da periferia, com os que moram nas áreas nobres); meios de informação mais didáticos e politizados; entre outros. Destacamos aqui a fala da moradora do Maguari, Yaçana Ribeiro na qual expõe a falta de oportunidades a população negra no Brasil:

[...] é importante que essas discussões perpassem os muros das instituições de ensino também, que estejamos dentro, mas lutando para que outros também tenham acesso, de pensar em como podemos nos articular dentro das comunidades para mudar esse cenário. (RIBEIRO, 2020, s/p)

Observamos que os participantes Josinalva Louzeiro e Wellington Ferreira, ambos moradores do bairro da Terra Firme, quando perguntados acerca da semelhança ou diferença da questão racial exposta no videoclipe com a situação vivenciada no Brasil, houve divergências em relação às respostas, algo inesperado já que as características socioculturais

do indivíduo influenciam no processo de recepção. Para Josinalva Louzeiro, “É semelhante, na medida em que ser preto em qualquer lugar é desafiador tendo que provar o tempo todo quem somos, e qual a nossa capacidade.”, enquanto para Wellington Ferreira “É diferente, pois na minha percepção, nos EUA muitos negros em sua grande parcela tem o processo de conscientização, [...] e no Brasil é muito naturalizado como "brincadeiras". Portanto, percebemos em relação às respostas destes atores sociais que as experiências individuais estão sempre em conjunto com os repertórios que cada um carrega consigo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho procurou contribuir para o estudo da Recepção em audiovisuais, sendo de grande relevância para o campo da comunicação, pois se apropria de uma ciência específica, no caso a Recepção, para compreender e analisar as possíveis ressignificações e interpretações do vídeo. Para esta pesquisa, trouxemos formas de entender como as questões expostas e enfrentadas pelo povo negro no audiovisual *This Is America* são vivenciadas no cotidiano dos bairros periféricos de Belém e Ananindeua, através de suas interpretações e percepções, e como as características socioculturais são responsáveis pela construção das interpretações e ressignificações do indivíduo.

Para atender a esse objetivo foi utilizado a metodologia do Estudo da Recepção, método este que possibilitou a desconstrução das mensagens, visando compreender o processo de comunicação como algo que perpassa e necessita da interação social. Conforme Silva (2006) os processos culturais estão ligados às relações sociais e a formação de identidades, bem como a cultura está conectada com o poder, proporcionando aos indivíduos que constituem um grupo social de satisfazer suas necessidades.

O uso social midiático torna-se um processo de apropriação dos receptores que tomam, os sentidos construídos pelos meios, intervindo nos significados conforme seus conhecimentos, vivências e experiências. As mídias, por outro lado, podem se reapropriar dos significados para tentar exercer o controle pelos sentidos.

Ao longo da pesquisa desenvolvemos entrevistas à distância devido à pandemia do COVID-19, o que tornou o processo dificultoso, pois ao entramos em contato com outros atores, estes não tiveram disponibilidade de tempo para responder as perguntas, porém,

conseguimos abordar de forma direta as questões raciais implícitas no videoclipe, associando estas às questões individuais exploradas a partir do contexto de cada bairro.

Por conta disso, mostrou-se necessário a construção do contexto histórico-geográfico dos bairros de cada entrevistado, para que pudéssemos entender o cenário apresentado por cada participante, tanto nas redes sociais, como também o descrito na entrevista. Por fim, o último tópico se deu pela análise de todas as respostas obtidas, onde observamos e comprovamos que a experiência e a vivência individual de cada sujeito em seu respectivo bairro, ajudam na formulação das respostas, consoante a aquilo que é proposto pelo estudo de recepção.

Aplicando as questões da realidade estadunidense exposta no audiovisual a realidade de Belém e Ananindeua, constatamos que as questões raciais e sociais não ficam restritas apenas a uma localidade. Isso se reflete até hoje, no modo como a sociedade está estruturada, onde há a falsa sensação de liberdade e de direitos àqueles que possuem um poder aquisitivo menor, tiveram que residir em localidades afastadas do centro, distantes das políticas públicas e que são alvos constantes da violência e de outras mazelas sociais.

Percebemos no decorrer desse percurso que as questões raciais mesmo sendo algo de nosso conhecimento, pois uma de nós já sofreu na pele esse preconceito e há particularidades no que tange essa questão que foge do nosso conhecimento. Notamos ao longo dessa produção que não apenas as pessoas são racistas, mas toda a estrutura da sociedade. Já que o processo abolicionista foi baseado em pilares racista em todos os aspectos sociais, mesmo pós escravidão continuou a determinar todas as políticas e as relações sociais refletindo em nossa sociedade até os dias atuais. Por isso, que muitos bairros tidos como periféricos sofrem com a carência do poder público.

Concluimos que *This is America* nos faz refletir acerca da desigualdade racial, do preconceito, da violência contra os negros até a apropriação da cultura negra, e que estas problemáticas mais do que estruturais, não ficam restritas ao território estadunidense, sendo assim, algo universal. Através desta pesquisa, fica claro que a criação e a generalização de estereótipos pela sociedade, vem sendo construída a milhares de anos. Vale ressaltar também que no Brasil o racismo é uma problemática natural e velada, deixando claro que não evoluímos ao longo dos anos, e sim sofremos transformações que podem ou não terem dado resultado.

REFERENCIAS

BARROS, Taís. Entrevista concedida para esta pesquisa. Belém, 2020. BATISTA, José. Entrevista concedida para esta pesquisa. Belém, 2020.

BOURDIEU, Pierre. Compreender. In: BOURDIEU, Pierre. A miséria do mundo. Petrópolis: Vozes, 1997.

BRITO, Lilian. Mudanças na paisagem do Icuí-Guajará. Disponível em: < <http://jornalbeiradorio.ufpa.br/novo/index.php/2010/113-edicao-83--maio/1035-mudancas-na-paisagem-do-icui-guajara> > Acesso em: 20/05/2020.

CABRAL, Giovanna. Entrevista concedida para esta pesquisa. Belém, 2020. CASTELLS, M. A sociedade em rede. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CAZELOTO, Edilson (2003). A ideia de democracia nas políticas de disseminação da internet: Uma análise do “Livro Verde da Sociedade da Informação no Brasil”. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Semiótica) –Programa de Estudos Pós-Graduados em Comunicação e Semiótica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

COLARES, Wellington. Democracia e a Cabanagem. Disponível em: < <http://revistaperiferias.org/materia/democracia-e-a-cabanagem/> > Acesso: 21/03/2020.

DRESCH, A.; LACERDA, D. P.; ANTUNES JÚNIOR, J. A. V. Design Science Research: Método de Pesquisa para Avanço da Ciência e Tecnologia. Porto Alegre/RS: Bookman Editora, 2015.

DOMINGUES, Álvaro – (Sub) úrbios e (sub) urbanos: o mal estar da periferia ou a mistificação dos conceitos? In: Revista da Faculdade de Letras – Geografia I Série. Vol. X/XI. Porto, 1994, p. 5-18. Disponível em: < <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/1588.pdf> > Acesso em: 21/03/2020.

DAYAN, D. À La recherche du public réception, télévision, médias. HERMÈS, 1993. DUARTE, Jorge e BARROS, Antônio - org. Métodos e Técnicas de Pesquisa em comunicação. São Paulo, Atlas, 2010.

FAMECOS: mídia, cultura e tecnologia, Vol. 1, N° 21, (2003). Disponível em: < <http://revcom.portcom.intercom.org.br/index.php/famecos/article/view/349> > Acesso em: 21/03/2020.

FERREIRA, Wellington. Entrevista concedida para esta pesquisa. Belém, 2020.

FIGARO PAULINO, Roseli A. Comunicação e trabalho. Estudo de recepção: o mundo do trabalho como mediação da comunicação. São Paulo: Anita/Fapesp, 2001.



FURTADO, Adrielson. Coqueiro, de povoado a vila, a bairro mais populoso de Ananindeua. (2012). Disponível em: < <http://adrielsonfurtado.blogspot.com/2012/12/coqueiro-do-povoado-ao-bairro-mais.html> > Acesso em: 15/05/2020.

FRAZÃO, Wellington. Entrevista concedida para esta pesquisa. Belém, 2020.

HALL, Stuart. Da Diáspora: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.

JACKS, Nilda. Pesquisa de recepção e cultura regional. In SOUSA, Mauro Wilton de (org.). Sujeito, o lado oculto do receptor. São Paulo: Brasiliense, 1995, p. 151-165.

KELLNER, Douglas. A Cultura da Mídia. Bauru: Edusc, 2001. LÉVY, P. Cibercultura, Rio de Janeiro: Editora 34, 1999.

LOUZEIRO, Josinalva. Entrevista concedida para esta pesquisa. Belém, 2020.

LOPES, J. Fazer Do Trabalho Científico Em Ciências Sociais Aplicadas. Recife: Editora Universitária UFPE, 2006.

LIMA, J. J., PINHEIRO, A, SÁ, M. E., PARACAMPO, M. V. A questão habitacional da região Metropolitana de Belém. Coleção Habitare – Habitação Social nas Metrôpoles Brasileiras. 2007.

MANASSES, Dayana. Entrevista concedida para esta pesquisa. Belém, 2020.

MARINGONI, Gilberto. História - O destino dos negros após a abolição. Edição 70. São Paulo. 2011.

MARTIN-BARBERO, Jesús. Dos Meios às Mediações: comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1997

OLIVEIRA, Gabrielle de. Entrevista concedida para esta pesquisa. Belém, 2020.

PRYSTON, Ângela. Margens do Mundo: a periferia nas teorias do contemporâneo. In: Revista. 2003.

RIBEIRO, Yaçana. Entrevista concedida para esta pesquisa. Belém, 2020.

SOARES, Rita, VIEIRA, Amanda, SILVA, Luise. Análise Semiótica do Audiovisual This is America. Belém. 2018. (no prelo).

TOURINHO, R.; MEIRA FILHO, A.; COUTO, C.A.O. Convênio Sudam-Dnos-Governo Do Estado Do Pará. *Monografia das baixadas de Belém: subsídios para um*

projeto de recuperação. 2ª Ed. rev. SUDAM, 1976.



JENKINS, H. (2009). Cultura da convergência. 2. ed. São Paulo: Aleph. 2009.

ZALUAR, Alba; ALVITO, Marcos. Um século de favela. 5ª edição. Rio de Janeiro: Editora FGV. 2006.